O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Homem Christo

ANNO XXIX

Assignaturas, pagamento adeantado
Portugal e Hespanha: anno 1$300; semestre 650. Colonias portuguezas 1$600, ou 1$300 pagos em Aveiro. Extrangeiro, exceptuando Hespanha, 2$500. — *Numero avulso, 20 réis.*
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

AVEIRO, 23 DE OUTUBRO DE 1910

Publicações
No corpo do jornal 120 réis a linha. Primeira pagina 1$000 réis. Ultima pagina — pagina d'annuncios — 40 réis a linha. Em qualquer pagina a linha é contada em columna d'annuncio.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

N.º 1:383

HÃO DE GRAMA-LOS!

Escreve Camacho:

«Todos, ou quasi todos, adheriram agora á Republica, porque a Republica triumphou. Pois adhiram. Mas não se lembrem de querer apoderar-se d'ella, porque o povo não lh'o consentirá.»

Porque o povo não lh'o consentirá!

Este Camacho, ás vezes, parece tolo. Pelo menos, tem escripto na *Lucta* taes dislates, dando como resolvida toda a crise portugueza pelo simples facto de ter sido proclamada a republica, que, se não é tolo chapado debaixo de seu *verniz litterario*, é, aliás como todos os da grei, um verdadeiro cabeça d'alhos.

Que idéa fará elle do Povo? Vá lá com P grande em homenagem á honra adquirida pela grande soberania dentro da moderna e *joven democracia*.

O povo é aquillo que a *Nova Corneta do Diabo*, em artigo assignado pelo sr. Faustino da Fonseca, um dos antigos, e não sabemos se dos actuaes amigos da *Lueta*, escrevia precisamente nas vesperas das ultimas eleições.

Já transcrevemos para aqui esses periodos. Mas oiçamos de novo:

Em 1878 havia 3.751:705 analphabetos; em 1890 o seu numero era já de 4.000:927; em 1900 a massa ignorante ascendia a 4.261:336. Habituados ao meio analphabeto, o não saber ler não tem já para nós o alcance deprimente que na realidade possue. Se adeante d'esse misero productor da riqueza estiver armado um laço, garantido por um aviso, elles, ignorando a lettra do aviso, cahirão no laço; se tiverem ao alcance da sêde um frasco de sublimado, embora o rotulo previna do seu conteúdo, elles não comprehenderão o rotulo, e beberão, como se fosse agua; se na fabrica estiver exposto o algarismo do salario, o regulamento do trabalho, a convocação da associação, em summa, a lei do Estado, que os protege, elles cahirão sempre resignados sob o arbitrio, porque ignoram a lettra redonda em que está escripta essa lei, abaixo, muito abaixo, da qual jazem perdidos, como gado inconsciente, como o preto selvagem, como o surdo, como o cego!

Que póde contra a estagnação d'esses milhões de barbaros a propaganda? Não comprehendem o nome da lista, o principio que representa, o programma que defende, o orçamento que commenta, a promessa da felicidade. Vivendo de envolta com o animal, tão ignorante como elle, esse cidadão, a quem a Carta dá o direito de se representar, nem chegou ainda á consciencia de vender o voto: vae á urna, á força como o operario de Vizella, por ordem do patrão, querendo prestar-lhe assim um serviço a que é obrigado pelo salario que lhe permitte viver de fome. A percentagem do analphabeto, repetimos, é ainda um dos processos de que o Estado se serve, para mais seguramente nos explorar, convencendo-nos de que melhora a situação.

Como na capital a percentagem de analphabetos é de cerca de 50 por cento apenas (ainda assim maior do que a dos pretos da colonia do Gabo), a da provincia, baluarte do throno e do altar, do cacique monarchico e do feiticeiro da superstição, é, em regra, de 88 por cento, havendo pontos onde attinge 93 por cento, e até a totalidade da população! Em Lisboa, por exemplo, a assembleia eleitoral de Santa Justa (egreja de S. Domingos), onde a ferocidade monarchica commetteu a chacina de 5 de abril, tem apenas 29 por cento de analphabetos, havendo sómente 26 por cento na freguezia de S. Nicolau, que alli vota! Quem representa, pois, o sentir da nação? Essa gente culta da Baixa, ou o *cidadão*, que não chega a comprehender os signaes de tinta do pedaço de papel que deita na urna, como expressão da sua soberana vontade? Esses cidadãos, que a livre America repelle, do seu territorio, servem de base a quadrilhas, organisadas como a Mafia e a Camorra, para devorarem o Trabalho d'esses escravos brancos, com mais crueldade que os negreiros, contidos pela vigilancia da Inglaterra.

O povo é isto. Terá elle mudado, só porque foi proclamada a republica e porque foi nomeado director da instrucção primaria o sr. João de Barros e director da instrucção secundaria e da instrucção superior o sr. João de Menezes?

Imbecis! Tartufos!

O povo não recebeu tal, como affirma o mesmo pascasio com *verniz litterario* ou o mesmo tartufo Brito Camacho, o novo regimen, por toda a parte, *com delirante enthusiasmo*. Houve uma minoria insignificante que sahiu para a rua a dar os vivorios *da praxe*. Verdadeiramente insignificante e composta, em grande parte, essa mesma, de *maltrapilhagem*. Mas o resto, a grande massa, ficou, por todo o paiz, indifferente, a lavrar, a cavar, a pescar, a fazer calças, portas e sapatos, emfim, a trabalhar.

Essa só quer saber *da sua vida* e só conhece, como protector ou auxiliar, o *influente* que conhecia até esta data. Não teve tempo, ainda, para adquirir *outros conhecimentos*, nem precisará de os adquirir, desde que o influente se converteu, tambem, *em republicano*.

Ha de *grama-los*, Brito Camacho. Ha de *grama-los*. O que aliás é justo, desde que *gramou*, dentro do partido republicano, outros peores. Muito peores! Seja dito em honra da verdade.

Ha dias contavam-nos que tendo sido annunciada a transferencia a um funccionario adherido, que tem disposto até aqui da influencia eleitoral da sua terra, elle respondera, grave: «Não tem duvida. As eleições realisam-se antes de seis mezes, não é verdade? Pois d'aqui a seis mezes ainda eu venço as eleições na minha terra.»

Vence, vence! Até as venceria sem ter adherido á republica. Quanto mais como *republicano!*

Ha de *grama-los*, Brito Camacho. Ha de *grama-los!*

Chega a ser comico, este homem, ridiculo, como todos os seus outros correligionarios que, como elle, teem a pretenção de fechar, seja a quem for, a porta, a dentro do regimen republicano.

Se ámanhã uma turbamulta forçar a porta de minha casa, de tropel, e mais faz muita differença, que lhe hei de fazer? Mais faz muita differença! Eu estou dentro do direito e elles não estão. Elles commettem, mesmo, uma grande violencia. Uma espantosa illegalidade. Mas elles entram! Eu posso matar dois, tres ou quatro. Mas elles entram, passando por cima de mim, vivo ou morto. Mais faz muita differença do caso politico de que se trata!

Os monarchicos adheriram? Adheriram. Querem entrar como republicanos? Entram. Quem pode impedir que este ou aquelle se declare republicano e faça obra como republicano?

O governo provisorio commette violencias contra elles? Como os regeneradores commettiam violencias contra os progressistas e os progressistas contra os regeneradores. Não havemos de estar toda a vida em governo provisorio. O sr. Antonio José d'Almeida não será eternamente ministro do interior nem o celebre Affonso Costa toda a vida ministro da justiça. Amanhã são ministros elles, os adheridos. Os do grupo dos adheridos. Os amigos dos adheridos. E reporão nos seus logares todos os empregados perseguidos pelo governo provisorio.

São comicos, são ridiculos, os quadrilheiros republicanos, com a sua pueril pretenção de fecharem a porta da republica, ou do cofre e das graças da republica, aos quadrilheiros monarchicos.

Comicos, ridiculos, e tartufos, e tratantes. Diga-se a verdade sem rebuço, até nos fecharem esta bocca com a morte ou com uma mordaça.

E tartufos! E tratantes!

Porventura valem mais que os adheridos o Cunha e Costa, o Arthur Leitão, o Henrique Cardoso, o Padua Correia, o Marinha de Campos, o Ribas d'Avellar, o Carlos Trilho, o Margarido, tantos outros salteadores *gramados*, exaltados, e, agora, já recompensados, pelos puritanos?

Ah, tartufos! Tratantes!

Não é necessaria a adhesão dos monarchicos para que seja completa a insolvencia republicana. Só um parvo, desconhecendo absolutamente o caracter do povo portuguez em geral, e o dos dirigentes republicanos em especial, só um parvo, pondo de parte todos os factores de raça, de hereditariedade, de costumes arreigados, d'ignorancia, de falta d'educação, de desordem velha, inveterada, pode tomar a sério os palavrões de justiça, de verdade, de luz, d'aurora, de futuro glorioso, de redempção da patria, que toda a imbecilidade e tartufice indigena nos offerecem como garantia segura das novas instituições. Só um parvo! E um parvo chapado! Com adhesões ou sem adhesões, a republica será o complemento desastroso da esterilidade e anarchia em que de ha muito se debate esta patria desgraçada.

Não é necessaria a adhesão dos monarchicos. N'essa mesma hostilidade aos adheridos se manifesta o espirito de quadrilha que caracterisou e caracterisa profundamente os republicanos em Portugal. Não é por honestidade que os hostilisa quem *gramou* e *grama*, quem glorificou na opposição e já está recompensando no poder, dentro do seu partido, os maiores patifes e bandalhos. E' para que lhes deixam *a presa* a elles sós.

Podem ter desprezo sincero pelos bandidos monarchicos que, sem pudor, sem vergonha, sem a menor sombra de dignidade, mal cahida ainda a monarchia, adherem á republica, aquelles que, como nós, não tendo jámais transigido *com nenhum bandido*, nada comeram com a monarchia e nada querem comer com a republica. Mas os tartufos, mas os tratantes, que foram solidarios nos mais graves attentados á seriedade publica e á dignidade dos principios, não.

E a hypocrisia d'esses tartufos é tanto mais patente e affrontosa quanto é certo serem as suas *intransigencias* exclusivamente dirigidas contra os homens do bloco. Elles não tiveram reluctancia em acceitar o Alpoim, o Centeno, e o Ribeira Brava. O Egas Moniz e o João Pinto dos Santos. Ora se houve creaturas repugnantemente bifrontes foram essas. Todas essas! Indignas! A indignidade affrontosa da deslealdade, da traição. Pelo menos da falta de sinceridade, de seriedade, de franqueza, de nobreza.

Esses foram, entre os monarchicos, os grandes miseraveis.

Depois, se é certo que ha creaturas deshonestas, pessoalmente deshonestas, ou menos honestas, entre os do bloco, em nenhuma a deshonestidade attinge as proporções que attingiu no Centeno e no Ribeira Brava. Os dignos pares do Padua Correia, do Henrique Cardoso, do Arthur Leitão, do Ribas d'Avellar. E de tantos outros cujos nomes é já inutil mencionar.

Não era, pois, necessaria a adhesão dos monarchicos para que a insolvencia republicana fosse um facto. O fermento destruidor já lá estava. Não era necessaria e não ha sinceridade absolutamente nenhuma nos mariolas que a combatem.

Mas os monarchicos adheriram? E em massa? Pois bem. Hão de *grama-los!*

Hão de ser absorvidos por elles. Absorvidos! Inteiramente absorvidos! Para que não fique só em relevo o grande logro da republica como *révanche* anti-monarchica, mas, tambem, a insignificancia completa, pois que o facto era previsto, do geral dos *democratas*.

Hão de *grama-los!*

Em poucas palavras

Ora continuemos, já que assim é preciso, na missão eterna de desfazer os dentes á mentira e á calumnia.

Não é difficil conjecturar, dada a nossa velha attitude, e vistos os odios que temos a honra de disfructar, os avisos e conselhos terroristas que teriam chegado a esta casa desde que houve noticia de ter rebentado a revolução republicana em Lisboa.

—Fuja! Fuja! Olhe que o matam!

—Não temos desejo nenhum de morrer, nem o prazer de ser martyr. Não somos valentão. Portanto, não somos fanfarrão. Mas consideramos um dever não fugir. D'aqui não arredaremos passo.

Era a nossa resposta invariavel.

—Olhe que lhe invadem a casa! voltavam, n'outro dia, a clamar.

—Se invadirem, invadiram. Hão de passar por cima de nós, e passam. Mas, primeiro, hão de ficar estendidos dois ou tres dos que a isso se aventurarem.

—Ao menos, no proximo domingo, mude de attitude! Ao menos, supplicavam, modere a linguagem!

—Seria a ultima das indignidades. Seremos sob os canhões da revolução o que elles diziam que eramos *só porque tinhamos as costas guardadas*. E' o nosso dever. E, como de costume, havemos de cumprir o dever atravez de todos os perigos e difficuldades.

Na sexta-feira, outra versão. Iam-nos atacar a typographia! Não nos deixariam sahir o jornal!

Devemos advertir que o *Povo de Aveiro* é distribuido aos sabbados n'esta cidade.

Foi então, em vista d'esse aviso, que nos chegava de muitos lados, que pegámos na penna e escrevemos isto á auctoridade:

Ill.mo e Ex.mo Sr. Governador Civil d'Aveiro
Ou quem suas vezes fizer

Para responder a varios avisos que me chegam, fundados ou infundados, cumpre-me declinar sobre V. Ex.ª a responsabilidade de todos os attentados que contra minha casa, porventura, possam ser dirigidos.

Se Aveiro estivesse em revolução, se não estivesse, mesmo, já em vigor o novo regimen, com auctoridades constituidas, como, officialmente, a mim proprio, como director do «Povo de Aveiro», me foi participado, eu nada diria, como, até este momento, nada disse. Agora, porém, cumpre-me participar a V. Ex.ª que tenho dicto no «Povo de Aveiro» o que «tenho querido», que continuarei a dizer o «que quizer», salvo se a republica estabelecer a censura prévia, e que d'esse facto e procedimento só dero satisfacção á lei, quando esta m'a pedir.

Note V. Ex.ª que lhe não peço protecção nenhuma, nem defesa. A mim, saber-me-hei defender. Mas desde que é publico e está na mente de todo o mundo que a turbamulta desenfreada ou ébria ameaça a minha propriedade, eu devo levar o facto, para ulterior liquidação de responsabilidades, ao conhecimento de V. Ex.ª.

De V. Ex.ª
Att.º Ven.dor

Aveiro
7-10-910 *Francisco Manuel Homem Christo*
Director do *Povo de Aveiro*

E' preciso aclarar que quando diziamos *turbamulta desenfreada ou ebria* não nos referiamos ao povo, nem aos que sinceramente andavam em manifestações d'enthusiasmo. Mas á escoria, que se aproveita sempre d'esses momentos para satisfazer odios e ruins paixões de toda a casta.

Passou-se sexta, sabbado, e a noite de sabbado para domingo, sem novidade.

Domingo, ao meio dia, sahi, a pé, acompanhado exclusivamente por um de meus irmãos, que me tinha convidado para jantar. Percorremos livremente o caminho que separa as duas casas e que é longo. Fez-se noite e meu irmão instou commigo para não me aventurar na rua áquella hora. Havia o vinho, que excita, as libações augmentam para a noite... Que era perigoso. Accedi. Foi a *unica noite* que dormi fóra de casa.

Na segunda, de manhã, começou a correr insistentemente que seria preso n'esse dia. Preparei-me para que o beleguim não tivesse de esperar por mim nem um minuto, e aguardei tranquillamente a sua chegada.

—Fuja! Fuja! diziam-me ainda. Olhe que o fazem desapparecer na prisão, como o Floriano Peixoto no Brazil a alguns dos revoltados! Olhe que o põem na fronteira!

—Pois será o que *Deus quizer*. Fugir, não fujo. Quando chegarem, cá estamos. Hão de me encontrar.

Terça, de manhã, avisaram-nos:

—Esta noite appareceu policia! Tem a casa cercada! A prisão, agora, é certa!

Esperámos, esperámos e esperámos. Afinal, soube-se que a policia apparecia, não para nos prender, mas para nos *guardar a casa*. Apparecia tarde. Se nos quizessem dar cabo da pelle, ou fazer outra travessura, já o tinham feito. Não quizeram. Devemos aos revoltosos essa homenagem. E... mais nada.

D'este modo fica inteiramente restabelecida a verdade dos factos.

Tornamos a pedir a todos os nossos assignantes o favor de indicarem sempre nas suas reclamações o numero da cinta.

Expediente

Não obstante a enorme tiragem dos dois ultimos numeros do POVO DE AVEIRO, os intermediarios teem feito, com a venda dos exemplares, uma especulação formidavel. Chegaram a ponto de vender por 300, 400 e 500 réis, no Porto e outras cidades, os ultimos exemplares que appareceram á venda.

Como o preço avulso do POVO DE AVEIRO não figurava na cabeça do jornal, lacuna que é desde hoje preenchida, devemos dizer que «somos inteiramente extranhos a essa especulação», que, aliás, não podemos evitar.

O preço avulso do POVO DE AVEIRO é de 20 RÉIS, tanto no dia da publicação como nos dias immediatos, e nunca os vendemos por maior preço a ninguem.

Phantastico!

Sob o titulo—*Entrevista com o capitão Sá Cardoso*, lemos no *Diario de Noticias*, de 15 do corrente:

E' do nosso collega "Imparcial„ a seguinte entrevista que com a devida venia transcrevemos e que um redactor d'aquelle jornal teve com o commandante da columna da Avenida:

. . . . . .

"—O que eu tinha a dizer-lhe sobre o que me pergunta era muito, e não cabia certamente no jornal. Começarei por lhe dizer que a ultima reunião do "comité„ revolucionario se realisou em casa de Innocencio Camacho Rodrigues, pelas 10 horas da noite de segunda feira. Ali se discutiu o plano da revolução, na hypothese do rei estar em Lisboa, que era o que succedia. Houve outro que era na hypothese d'elle estar fóra da capital, e ambos eram do tenente de caçadores Helder Ribeiro, do 2.º tenente de marinha, Aragão, e meus.

"Como se sabe, a morte de Miguel Bombarda, causando disturbios populares, forçou que o governo puzesse n'essa noite os regimentos de prevenção. Isto levou alguns officiaes a alvitrarem a que o movimento se adiasse, a que se oppoz vehementemente Candido dos Reis. Os marinheiros estavam dispostos a sair: se fosse preciso, contra todos. Elle mesmo, Candido dos Reis, tomaria o commando dos marinheiros insurreccionados.

N'esta altura o capitão Sá Cardoso, commovido até ás lagrimas, faz o caloroso elogio do fallecido almirante. Homem de uma dedicação e de uma coragem inexcediveis.

Nós temos apenas, como resposta, umas palavras sem nexo, como de costume em casos taes.

—A heroica impressão de Candido dos Reis, continúa o nosso illustre interlocutor, fez com que os officiaes de terra se compromettessem a fazer o possivel... O capitão Palla, de artilheria 1, disse então que se responsabilisava por pôr o seu regimento na rua, o que serviu bastante para animar, principalmente por se tratar d'um regimento de artilharia. Eu, por mim, disse que não julgava o movimento viavel, por estarem os corpos de prevenção, mas que iria auxiliar o capitão Palla, como fui.

O certo é que os factos se encarregaram depois de me dar razão, porque do exercito de terra apenas sairam artilharia 1 e parte de infantaria 16, quando o movimento havia de ser feito por todos os corpos da guarnição, menos lanceiros 2 e infanteria 1. E para estes regimentos, bem como para a guarda municipal, estavam destinados grupos de civis, que os esperariam a diversas distancias dos quarteis, armados convenientemente.

—E a policia?

—Ora a policia... coitada! Adeante. O movimento começou pouco depois da hora combinada. A' uma hora e um quarto da madrugada de terça feira estava eu, só, em frente do quartel de artilharia 1. Ouvi repetidos toques de reunir em accelerado. O portão estava fechado, e eu só pude perceber que estava começada a revolta. Esperei. D'ahi a pouco apparecia parte de infanteria 16, sob o commando de Machado dos Santos.

Desembainhei a espada e colloquei-me a seu lado; dirigimo-nos então ao quartel cuja porta arrombámos. Como o official de inspecção e o major do regimento não quizessem adherir, convidei-os a affastarem-se, o que elles fizeram. Segui depois para a parada a encontrar-me com o capitão Palla, que já andava na faina revolucionaria, coadjuvado pelo alferes Brandão, do seu regimento, que adherira expontaneamente. Já estava a cavallo, esperando que as baterias se aprompta ssem, quando se apresentaram os seguintes officiaes: tenente Quaresma, de infantaria 16, tenente Garcia, que estava affastado d'este regimento, como aliás de todos os outros, por causa do 28 de janeiro; e os tenentes Santos e Paes, que propositadamente vieram de infantaria 3, para tomarem parte no movimento. Devo esclarecer que infantaria 16 não tinha sargentos, tendo os respectivos logares de ser occupados por cabos.

Prompta uma bateria, tomei o seu commando coadjuvado pelo alferes Brandão, indo tambem parte de infantaria 16, commandada pelo tenente Garcia e outro official, cujo nome me não lembra, para escoltar artilharia.

Iamos caminho das Necessidades, quando a meio da rua Ferreira Borges fomos surprehendidos por uma companhia da guarda municipal da Estrella, que fizera fogo sobre nós.

Houve uma breve hesitação da parte dos meus soldados, propria de quem nunca tinha entrado em fogo. Mas a resposta á aggressão não se fez esperar, e tres tiros de peça destroçaram os municipaes. Já o ataque dos municipaes me tinha surprehendido, quando os esperava impossibilitados de sair, ou pelo menos nas Necessidades. Vindo sobre isso o aviso de alguns populares de que elles se tinham posto ás embocaduras das ruas, promptos a fuzilarem-nos, resolvi voltar atraz a juntar-me ao grosso da columna. Evidentemente as coisas não corriam bem. Ou melhor, os meus receios de principio iam-se justificando.

Encontrei a columna á altura da rua de S. João dos Bemcasados, conferenciámos ali, e eu tomei o seu commando na qualidade de official mais antigo. Machado dos Santos commandava a guarda avançada de infanteria e assim nos dirigimos para a Rotunda.

A' altura das Amoreiras, a cauda da columna foi atacada d'uns quintaes, ou coisa parecida, a que se respondeu com uma descarga de infantaria.

No largo do Rato, novo ataque, agora da policia,

que promptamente foi desarmada por Machado dos Santos.

Na rua Alexandre Herculano deu-se uma scena que ainda agora não comprehendo. Ouvimos ali um enorme tiroteio, não sei se para atacar, se para desmoralisar. Não sei a causa, nem o fim d'aquella fuzilaria. O que sei é que se deu o panico, e a columna desmantelou-se e marchou em debandada até á rua Castilho. Ali conseguimos juntal-a, mas ainda assim seguimos em confusão até á Rotunda.

O capitão Palla arranjou definitivamente a artilharia; Machado dos Santos e outros officiaes, a infantaria. A' esquerda d'esta formou um pelotão d'uns 50 atiradores civis, que já nos acompanhára do quartel. Fiz uma fala a todos ali reunidos, mostrando bem a responsabilidade que sobre nós pezava. Pelas 4 horas da manhã recebemos o primeiro ataque no acampamento, tambem da municipal, a que respondemos com fuzilaria e trez granadas. Verificámos depois que a 50 metros de distancia ficára um cavallo morto. Quer dizer: se nos demorassemos mais um pouco a organisar, a surpreza seria terrivel.

Seguiram-se algumas horas de espectativa, mas todas as noticias que nos chegavam eram desanimadoras em extremo. Em lucta pela Republica estavamos apenas nós ali, e os marinheiros no quartel, encerrados. Sabiamos mais que lanceiros 2, infanteria 1 e guarda municipal, que deviam estar retidos no quartel, andavam pela rua.

Restava-nos uma esperança: o desembarque no Terreiro do Paço de 600 marinheiros; mas essa esperança, por volta das 8 horas e meia, era-nos frustrada: a marinha não podia desembarcar. Pouco depois, nova noticia, confirmando esta, dizia-nos que a marinha ia fazer um "ultimatum„ ás forças de terra: ou ellas se rendiam, ou a cidade seria bombardeada, mettendo-se depois os navios no fundo.

Esta noticia, isoladamente, não nos alarmaria, mas depois de outras que a antecederam, do mesmo theor e todas verdadeiras, não nos foi difficil acreditar n'ellas.

Então o meu desanimo, que já era grande, tornou-se enorme. Convoquei conselho de officiaes, a que não assistiu Machado dos Santos, que continuava embebido na organisação da defesa, na Avenida Fontes Pereira de Mello. Expuz ao conselho a situação: contra nós, cerca de 3:000 homens, com as baterias a cavallo; a nossa posição, dominada pelas alturas, como o Thorel, Graça, Penha, S. Pedro d'Alcantara, etc.

O inimigo, com 15 metralhadoras; estavamos na imminencia de um ataque simultaneo, por todas as ruas e todas as alturas.

Todo o conselho, a começar pelo official mais moderno, foi de parecer que a situação era desesperada, e que a lucta traria uma horrorosa carnificina para aquelles rapazes que tinhamos levado até ali.

Todos os officiaes estavam possuidos do mesmo extremo desanimo que me dominava. Chamei alguns sargentos cujos nomes não cito, por não sabel-os, a quem expuz a situação e aconselhei a que voltassem com as forças a quarteis. As suas responsabilidades eram bem menores do que as dos officiaes, que teriam de se affastar do campo por outra forma. Um dos sargentos ainda me perguntou com as lagrimas nos olhos:

— *Então está tudo perdido?!*

"—Respondi-lhe: — *Está.* E affastei-me, dominado pela mesma commoção.

"Depois eu e o tenente de cavallaria Cabral, que pouco depois das 6 horas apparecera no campo a dar más novas, envergámos fatos á paisana que dois populares nos deram, e mettemo-nos n'um automovel que ali estava. Então Machado dos Santos acercou-se de nós, a querer convencer-nos a que ficassemos, emquanto nós queriamos convencel-o a que nos acompanhasse, para evitar uma chacina. Elle cheio de fé, de enthusiasmo, de bemdita loucura, teimou em ficar e nós partimos tristemente convencidos de que dentro em pouco a Rotunda seria um horroroso mar de sangue.

O que depois se passou da minha parte, não tem importancia. Partimos para Villa Franca, e foi ali, no dia seguinte, que eu soube por Anselmo Xavier e outros vultos importantes, que a Republica finalmente tinha triumphado!

E veja lá, conclue o capitão Sá Cardoso com muita tristeza, depois de 21 annos de lucta pela Republica sempre vencido, a Republica triumpha — e eu continúo vencido...

Esta é a mais interessante das entrevistas que se teem publicado. E sabem porquê? Porque é aquella que melhor põe em relevo:

1.º A nossa velha insufficiencia intellectual.

2.º A absoluta incapacidade das tropas que atacaram os revoltosos.

N'uma palavra: a nossa espantosa inferioridade!

O capitão Sá Cardoso viu *muito bem*. Evidentemente, com gente intelligente o desastre era inevitavel. Mas chegámos a isto, n'este paiz phantastico: de nada vale formular planos intelligentes porque toda a nossa vida tem sido e é... d'acaso.

Em relações com o extrangeiro, quer diplomaticamente, quer commercialmente ou industrialmente, quer scientificamente, somos sempre, salvo se o inimigo é o preto, derrotados. Sempre derrotados! A nossa vida é ha tres seculos, na lucta mundial, uma série de derrotas, uma cadeia de desastres. Mas em luctando dentro de casa, não é o mais intelligente, mas o mais burro, quem leva sempre a *palma da victoria*.

Paiz phantastico! Paiz phantastico!

Ruiu o duque de Coimbra e com elle a sua obra. Ruiu Affonso d'Albuquerque e com elle a sua obra. Ruiu o Conde de Castello Melhor, Pombal, tudo quanto n'este paiz appareceu com vôos d'aguia. Tudo! Por-terra! No charco! E o que tem sido nas coisas grandes tem sido e é nas coisas pequenas, nas minucias, nos detalhes. **A intelligencia é um factor com que n'esta terra se não pode contar.** Quem contar com ella, tem 99 probabilidades contra uma de soffrer decepções formidaveis.

Paiz phantastico! Paiz phantastico!

O capitão Alfredo Ernesto de Sá Cardoso via lucidamente a situação. Elle estava n'um *poço*. Precisamente n'um poço. E tendo contra si tropas importantes, muito importantes, pelo numero e pela qualidade. Como triumphou, como venceu aquella revolução?

Phantastico!

Por traição, diz-se. Qual traição! Sem duvida, a traição existia. Sem duvida! Mas não foi esse o factor do desastre. O factor do desastre foi a covardia e, acima de tudo, a nossa velha, a nossa hereditaria, innata incapacidade. Para que se podesse contar a traição como um factor, era necessario que se tivesse posto em execução, desenhado, quiçá esboçado um plano e que a traição fosse o motivo d'elle não ser executado. Mas qual foi o plano?

Phantastico! Phantastico!

Foi traidor o general commandante da divisão? Foi traidor o coronel commandante da Municipal? Foi traidor o ministro da guerra? Foi traidor o Estado Maior? Incapazes, todos. O que elles foram, todos, foi ineptos, imbecis, incapazes.

A revolta do Porto já tinha sido uma vergonha militar. Mas ahi, ao menos, cahiram as responsabilidades sobre um pobre capitão, um tenente e um alferes. Um capitão desequilibrado, por demais, e um tenente e um alferes nephelibatas. Mas a de Lisboa abrange a *élite*, a verdadeira *élite* do exercito, assumindo assim as proporções d'um colossal desastre.

Imaginem, por um instante, este exercito portuguez em face d'uma invasão extrangeira. Por um instante! Ponham ahi os olhos os homens intelligentes e patriotas, se, porventura, ainda ha homens intelligentes e patriotas n'este miserrimo Portugal.

A columna revoltosa é atacada quando avança sobre as Necessidades. E' forçada a retroceder. E retrocede, por um dedalo de ruas, sem ser incommodada pela frente, nem pelos flancos, nem pela rectaguarda! E dispondo o governo de tropas magnificas, como as da Municipal, e seis vezes superiores em numero. E sendo os ataques de flanco ou rectaguarda, aliás sempre terriveis, de effeito tão pavoroso, que quando a columna revoltosa se suppõe, na rua Alexandre Herculano, ameaçada por um d'esses ataques, logo entra com ella o panico iniciando-se immediatamente a debandada!

Paiz phantastico!

Horas e horas estacionou a columna na Rotunda sem ser atacada. O conselho de officiaes, reunido, resolveu, por unanimidade, abandonar o campo. Contra a opinião avisada e intelligente dos technicos, pronuncia-se, sem nenhum elemento sério que fundamente a sua opinião, um commissario naval. E quem vence é a insensata opinião do commissario naval, não só contra o aviso e parecer fundamentado, sabiamente e prudentemente fundamentado, dos technicos que retiram, mas contra o esforço de milhares de homens commandados por um Estado Maior e a *élite* d'uma enorme pleiade de officiaes!

Paiz phantastico!

Traição? Não. Commodismo, por um lado, e, pelo outro, absoluta incapacidade.

Para que fosse traição era necessario que depois de formulado, a tempo, a horas, um plano, aliás bem facil de instantaneamente se formular — não era aquillo a batalha de Sédan — um regimento, dois regimentos, tres, se revoltassem, negando-se a combater ou a marchar.

Traição, não, que nos primeiros instantes, por mais que as tropas estivessem minadas, e por mais que parlapatões varios digam agora *nós fariamos assim e assado*, o medo, o commodismo, o egoismo, faziam com que ninguem se revoltasse.

Traição, não. Não! Traição, não. Commodismo, o commodismo parasitario e tradiccional d'um povo que já não vive senão da historia. E de historias! Falta de brio, a falta de brio que mina o sangue de todos os decadentes ou de todos os degenerados. E incapacidade, a absoluta incapacidade d'aquelles que tiveram a suprema infelicidade de Deus lhes ter amassado o cerebro com barro em vez de lh'o haver amassado com phosphoro.

E falam de D. Manuel, os heroes! D. Manuel é que é o bode expiatorio, o desgraçado! Dura uma campanha tres dias e tres noites e morrem... 65 homens! Os lagos de sangue que D. Quichote annunciara do outro mundo, os postes telegraphicos que á inspiração doentia do heroe de La Mancha pareciam cadaveres estendidos até Villa Franca, ficam reduzidos a pequenas poças e a 65 mortos!

Não ha um chefe civil revolucionario, um dos tribunos ardentes, dos que juravam morrer nas barricadas, que apanhe um tiro, sequer n'uma nadega. As camareras appareceram, transmudadas em deusas da victoria. Mas elles, os justos, ficaram... defronte do Pelourinho, na vela das armas!

Não monta a cavallo o ministro da guerra, que, patrioticamente, *declinou no Estado Maior*.

Na barraca de campanha do Quartel General, estendem-se os sabios estrategicos a buscar, anciosos, nas cartas, uma inspiração que lhes dê a victoria.

E caia toda a maldicção sobre o D. Manuel, o *general pintado*, o *irresponsavel*, que não se poz á frente das suas tropas!

E cantam-se versos de Camões! E apregoa-se uma nova era de gloria!

Silencio, ennuchos. Ao menos, haja pudor!

Justiça a todos. Tambem é de barro o cerebro do commissario naval. De barro duro e negro. Mas, ao menos, temperado nas forjas do diabo. Esse, sim, que foi valente e que foi audaz! Barro por barro, é o unico que, no meio de tanto barro duro, merece os galões de general!

E basta.

Isto é, mais duas palavras.

Não foram estupidos os officiaes que abandonaram na Rotunda sargentos, cabos e soldados. Mas quando um official vae com tropas para a rua gnerrear, ou as conduz á victoria, ou estende com ellas os pulsos ás algemas do vencedor, ou morre ao seu lado.

E basta!

Elle é assombroso!

Lá isso é!

Uma das adhesões que os chamados republicanos, tanto os d'Aveiro como os de Lisboa, *gramam* com mais custo, é a do sr. conde d'Agueda.

Elle é assombroso, lá isso é! Visitar constantemente o sr. D. Manuel no Bussaco, convida-lo a parar em Agueda, recebe-lo em Agueda com *effusivas demonstrações de jubilo*, e apresentar ao desgraçado as *armas de S. Francisco*, mal elle volta costas, sem ter ainda chegado, sequer, á terra do exilio... é assombroso!

E', sim senhores, é assombroso! Lá isso é!

Mas assombroso para nós! Mas assombroso para toda a gente que conserva a sua integridade moral, ou, ao menos, a decencia do pudor!

Que auctoridade moral, porem, teem os republicanos para clamarem: *não queremos esse!*

Pois *esse* é peor que o Ribeira Brava, o Alpoim e o Centeno?

Pois *esse* é peor que o bifronte Egas Moniz? Pois quem *gramou*, saboreou e digeriu o Arthur Leitão, o Padua Correia, tantos e tantos do mesmo teor, tem agora *repugnancia* em *gramar* o conde d'Agueda?

Pois o conde d'Agueda não é, pessoalmente, mais honesto e mais limpo que o Cunha e Costa, o Affonso Costa, o Alexandre Braga e o Margarido?

Gramem, pulhas, *gramem* tudo!

Começaram a *gramar?*

Gramem tudo!

Não é a questão do conde d'Agueda, não! E' a questão do *caciquismo*. E' esta! Esta é que é! E' o caciquismo dos *christãos velhos* que se quer impôr, para o substituir, ao caciquismo dos *christãos novos*. E' o ciume dos *christãos velhos* em face do poder e da riqueza dos *christãos novos*. E' o pretexto do *reflexo do sol na sagrada eucharistia*, a encobrir o verdadeiro motivo da furia com que os *christãos velhos* arrastam á fogueira os *christãos novos*.

Mas hão de *grama-los!*

Quer queiram, quer não queiram, hão de grama-los!

Começaram? Pois acabem.

Agora *gramem* tudo!

Um grande bandido!

Cá está elle, outra vez!

E diz no **seu** *Janeiro:*

. . . . . .

Tambem já foi extincta a camara dos pares. Não podia deixar de ser. E que admiravel coisa! De que servia essa camara, que se tornara ignobilmente servil? Que representava? Os fidalgos d'antiga linhagem, creados do Paço, eram insignificantes; dera alli entrada uma turbamulta de mediocres; os bispos tinham o nome picaresco de *mulas de reforço*. Em tempos antigos, fôra uma camara cheia de homens de talento e verdadeiros liberaes. Agora, convertera-se n'uma instituição ignominiosa, pois eram olhados como jacobinos os pouquissimos que ali defendiam os principios democraticos! Havia pares do reino que, ha perto de vinte annos, ali não punham os pés. A fornada ultima dos hereditarios fôra d'um comico inexcedivel. Foi varrida. Bem haja a mão que a varreu! Era uma assembleia dorminhoca, castrada, e servil.

Tambem foi supprimido o conselho d'Estado. Individualmente, continha homens de valor. Mas desacreditára-se por fórma que se tornára um corpo politico odioso. O seu papel, durante a dictadura franquista, foi miseravel, abjecto. E' o termo. O rei D. Carlos vergastou-os com chicotadas, áquelles que eram os seus conselheiros! Recusou-se a recebel-os; dissolveu e adiou o parlamento sem os ouvir. Tiveram o menor signal de protesto? Pediram a sua demissão? Reagiram nobremente? Não! Entregaram-se á mais completa covardia! Para conservarem uma honraria esteril, não tiveram a coragem de cumprir o seu dever. Aquelles bonzos politicos eram pittorescamente ridiculos, quando exerciam as suas funcções. Desde o momento que para o conselho d'Estado entraram insignificantes como o sr. marquez de Soveral, creaturas do rei, esse corpo politico caiu na suprema degradação. Ha nada mais comico do que as famosas cartas do sr. José Luciano? Podia admittir-se a ridicula scena do sr. José Novaes — é verdade, o que será feito d'esse *incondicional monarchico* e do dr. Adolpho Pimentel, o celebre orador do regicidio? — vir a Lisboa, chamado por um telegramma, para dar a sua opinião sobre os negocios do Estado? O que era o conselho d'Estado, o que significava? Havia lá, repito, homens de muito talento, brio, altas qualidades; mas, collectivamente, a corporação desacreditára-se e o publico olhava-a cem desprezo. Morreu no respeito da nação quando rastejou sob o chicote do sr. João Franco e debaixo dos pés do rei D. Carlos. Tenho uma infinita alegria com o seu desapparecimento. A suppressão ds conselho d'Estado e a extincção da camara dos pares são coisas que todo o paiz applaudirá. Sei de pares do reino que estimam immensamente esses actos e que não têm a menor pena do desapparecimento da camara alta. Ha instituições que estão condemnadas.

E o desapparecimento da casa civil e militar do rei? Será possivel vermo-nos livres d'essas duas coisas que, com as damas, constituiam a côrte? Nunca mais veremos officiaes-móres, e mordomo-mór, e estribeiro-mór, e copeiro-mór, e monteiro-mór? Não mais leremos, nos jornaes, quaes foram as pessoas que "*entraram de serviço a suas majestades?*„ Em S. Carlos, não tornará a haver tribuna real com esse cardume de fidalgos e militares? Deus do ceu, que alegria! Não suppuz que isso acontecesse na minha vida. Tive essa infinita alegria — tanto maior quanto elles me odiavam, a mim, e vejo-os desapparecer para sempre! Não acredito ainda, tão extraordinario me parece!

Miseravel!

Comprehende-se o republicano. Comprehende-se todo aquelle que, anarchista, socialista ou o diabo, era inimigo do regimen cahido. Mas este bandido?

Se este bandido entendia que a camara dos pares, que o conselho d'estado, que a casa militar e civil do rei, que a côrte, que tudo, emfim, que constituia a *substancia* monarchica, era, não só um anachronismo, como uma coisa tão *odiosa* que a sua queda lhe causa a *mais intensa* alegria, porque persistiu *monarchico*, o miseravel, até ao dia em que tudo isso cahiu? Porque disputou, o miseravel, porque esperou, o miseravel, a presidencia do conselho até ao momento em que o rei foi expulso do paiz?

Ah, miseravel, miseravel charlatão, miseravel especulador, miseravel saltimbanco, miseravel chatim, que tu és bem a prova viva de que tudo isto de justiça, de verdade, de moral, de republica, de democracia, são termos artificiaes, palavras vãs, significados convencionaes, de momento, sem que, no fundo, exista nos homens e nas coisas, verdade, moral, e justiça nenhuma. D'outra forma, serias corrido, expulso, com mais verdade, com mais justiça, com mais utilidade publica que o ultimo representante da velha dynastia.

Cão leproso!

Alguem julgará, poderá julgar, que nos move qualquer resentimento contra este bandido. Nenhum! Não temos d'elle o menor aggravo. Pelo contrario. Uma ou duas vezes nos fez, no seu eterno jogo de compadre, referencias elogiosas na imprensa. Não temos d'elle o menor aggravo. Nunca trocámos com elle uma palavra, nem de viva voz, nem por escripto. Mas faz-nos estremecer de indignação aquelle feitio truanesco.

Ha comediantes e comediantes. Este é dos que ferem a mais feroz das indifferenças. Tamanho é o seu descaramento. Tão affrontoso o seu fundo de cynismo.

Ah... que é bandido!

Até esse!

Até o padre Mattos adheriu!

Todo o homem medianamente intelligente e sério julga, n'este extraordinario paiz, ao pôr-se o sol em cada dia, que já não haverá coisa alguma que o assombre no dia immediato. Pois engana-se. No dia seguinte é outro assombro, e de assombro em assombro vamos indo n'este famoso paiz de pulhas e de insignificantes!

Que famoso paiz de pulhas! Que grande paiz d'insignificantes!

Que prostibulo, que cloaca, que immundicie, que nojo!

Lemos, assim que se proclamou a republica, a noticia de que o padre Mattos fora um dos primeiros *a adherir*. Francamente, não acreditámos. Suppozemos mais uma das muitas mentiras e infamias em que é fertil a *Nova Corneta do Diabo*. Pois era certo! Certissimo! O padre Mattos não só tinha adherido como fora, effectivamente, um dos primeiros a adherir!

Oh... que dá vontade de os frigir a todos!

Não dá vontade de morrer, como dizia Herculano. Só as almas fracas teem vontade de morrer. Dá vontade mas é de os untar com petroleo, chegar-lhes um phosphoro e corrê-los, rua fóra, entre vaias e apupos do rapazio, a chicote.

Que pulhas! Que grandes pulhas!

Eu tenho-lhes chamado bandidos. Mas sou forçado a reconhecer que injurio os bandidos. Que pulhas! Que grandes pulhas!

Era certo, pois, era certissimo. Tinha adherido o padre Mattos. Era certissimo!

Era certissimo, como se vê d'uma carta que o *cidadão* dirigiu ao *Diario de Noticias* e que este publicou segunda feira ultima, carta em que o *cidadão* — tem direito a este tratamento desde que se fez republicano — revela, a par da maior baixeza intellectual, a mais espantosa degradação moral.

. . . . . .

o meu primeiro movimento depois da proclamação da Republica foi offerecer-me ao governo para, por meio do jornal que eu dirigia, collaborar na pacificação dos espiritos, de maneira a evitar o que depois me disseram os jornaes que aconteceu. Mostrei essa carta a um amigo meu, que a approvou, mas mais tarde resolvi não a mandar e sujeitar-me á contingencia dos acontecimentos.

A cada instante esperava ver a Casa Pia invadida pela turba, para me arrancar de lá e cevar a sua furia no meu martyrio. Apesar de não ter grande medo da morte, arripiava-me a idéa de atravessar Lisboa, no meio das vaias e dos apupos da populaça. Isso sim, incommodava-me muito, porque nem mesmo me podia refugiar no suicidio, que sempre repugnou á minha alma.

Esperei os acontecimentos.

Pelas duas horas da tarde, depois de me fazerem saber que a minha permanencia na Casa Pia era um perigo para o estabelecimento, um presado amigo meu, a quem nunca saberei pagar quanto se empenhou pela minha sahida a salvo de injurias e offensas, mandou-me dizer que estivesse preparado, porque ás tantas da noite viria um automovel buscar-me, em condições perfeitas de verdadeira intangibilidade, durante a viagem larga que tinhamos de fazer.

Proximo das dez da noite voltou, dizendo-me ser preciso uma declaração de que eu reconhecia o novo governo, que o não hostilisaria e que a minha carreira jornalistica estava desde essa hora terminada. Escrevi a carta, entreguei-a e esperei o automovel, que chegou á meia noite e meia hora, pouco mais ou menos, ao portão da rua de S. Jeronymo. Metti-me n'elle acompanhado por um outro amigo meu e por um soldado de marinha e depois de uma viagem de trinta e duas horas! — de Lisboa a Badajoz! — aqui fiquei. Em mais de trinta ou quarenta povoações por onde passámos, a bandeira republicana que tremulava á frente do automovel foi sempre saudada enthusiasticamente. Decididamente o paiz estava satisfeito com o novo regimen. E n'essas occasiões felicitava-me, a mim mesmo, pela minha adhesão.

. . . . . .

Repito: Não me importava morrer. Uma bala ou um typho valem a mesma coisa. Servir de espantalho no meio das ruas, aos encontrões da populaça, sim, isso horrorisava-me. Pois nem esse horror, que me enchia de suores frios, quando os phantasiava, nem esse horror, me levou a mandar a carta que provavelmente os evitaria e lá ficou escripta e entregue ás mãos de um amigo, que não sei se a terá destruido.

A outra escrevi-a duas horas antes de me expatriar. Mas não estou arrependido de a ter escripto, porque os receios de uma invasão estrangeira, que eu suppunha certa depois da queda da monarchia, vão-se extinguindo, e a esperança de que o novo regimen saberá manter integra a nacionalidade portugueza, vae-se radicando e fortalecendo.

Tenho uma grande pena da Familia Real, e principalmente do Rei, cujas intenções patrioticas eram puras e sãs. Elle amava muito a sua patria; mas não estava em sua mão remediar os numerosos erros de um passado longinquo, de cujas consequencias elle foi a victima innocente. Chegara tudo ao ultimo extremo. Pensou que transigindo venceria, e perdeu-se, porque com taes homens agarrados a velhos processos indestructiveis, a salvação era impossivel. Eu tenho um grande affecto, e desinteressadissimo, hoje e sempre, ao Rei proscripto. A' monarchia nada devo, nunca o devi. Mas se eu tivesse forças para uma restauração monarchica, jámais a tentaria, com os homens que a perderam, e perderam o paiz. De resto, ninguem pensa n'isso. E agora, o que todos temos a fazer, visto que todos somos cidadãos portuguezes, é trabalhar na integração da patria, dentro do numero dos povos que querem viver e progredir.

Elle não tinha medo de morrer! O que elle tinha era medo de servir... d'espantalho aos pardaes! Como se, afinal, pelo que esta carta demonstra, tivesse nascido para outra coisa!

Que martyres gloriosos que o catholocismo arranjou em Portugal!

Não tinha medo de morrer. E estava convencido de que a proclamação da republica seria a *immediata intervenção extrangeira*. Mas a intervenção ainda não veio. Nem vem! Elle viu, pelo caminho, emquanto fugia, que a bandeira republicana que tremulava á frente do automovel era *sempre saudada enthusiasticamente*. E, então, era muito amigo da familia real, tem muita pena d'ella, mas... *amigos amigos, negocios á parte*. A familia real que tenha paciencia, que elle vae collaborar na felicidade do paiz, adherindo á republica!

Patriota, acima de tudo. O que elle é, como o Alpoim, é patriota acima de tudo. Por ora ainda não affirma que é tão liberal como o Alpoim. Mas esperemos, que lhe ha de passar adeante! E' o unico, já estamos a ver, capaz de passar adeante, em amôr e dedicação democratica, ao antigo sachristão da Nunciatura!

Patriota, acima de tudo. Como patriota, não lhe falem em restauração monarchica. *Ninguem pensa n'isso.* Elle poderia ter muita força para uma restauração monarchica que, *com os homens que perderam a monarchia e o paiz*, **jámais a tentaria.** E, então, adhere, elle, o Alpoim, o Teixeira de Souza, o bloco em peso, para... salvarem a republica e o paiz depois de terem perdido... a monarchia e o paiz!

Elles perdem o paiz, elles acham o paiz, elles tornam a perder o paiz, tornam a acha-lo, e vão salvar a republica depois de terem perdido a monarchia!

Quem é o estafermo, que por esse paiz alem ainda acredita que se possa fazer qualquer coisa d'esta terra, em republica, em monarchia, em anarchia, ou em *pulharia?*

Está longe a Germania. Se estivesse ali na Hespanha, ha muito que estes escravos estariam jungidos ao seu carro de triumpho.

Mas não teem outro destino!

O delirio

E duvida-se! Ainda ha quem duvide de que isto se afunda em insania e anarchia!

Ora vejam a *delirante mania* que subiu á cabeça dos patriotas: pagar, por meio de uma subscripção nacional, a divida externa!

Então isto não é um paiz de doidos?

Isto tem salvação possivel?

Nem ao menos o exemplo da subscripção nacional, aberta por occasião do *ultimatum*, elucida estes malucos?

Malucos! Isto é um povo de malucos! Que, á força de darem com a cabeça nas paredes, até chegam a affligir quem tem bom senso. ¡Bom senso! Bom senso já ninguem tem em Portugal, nem é possivel te-lo no meio d'este delirio espantoso. Algum senso!

Elles dão alvitres para a reforma da policia! Elles dão alvitres para a reforma da Guarda Municipal! Elles dão alvitres para as cores da bandeira! Emfim, elles dão alvitres para tudo.

Parece que o hospital de Rilhafolles se alargou, alargou, alargou, até Valle da La Mula e Cabo Mondego, até Melgaço e Santa Maria, e que a alma do Bombarda adeja, envolvendo tudo isto.

Safa, que chega a causar horror!

Imbecilidade! Covardia!

Lemos a carta que se segue, no *Diario de Noticias:*

Sr. Redactor — Morando proximo da Rotunda, fui ás 5 horas da manhã do dia 4 ver de que se tratava, pois o estrondo das granadas tinha-me posto em sobresalto e a minha familia.

Tive occasião de observar que os soldados de artilharia 1 e infantaria 16 eram poucos para um movimento forte e decisivo (e isto mesmo disse ao sr. dr. Macedo Bragança, com quem me encontrei) e que se a guarda municipal e caçadores 5 atacassem valentemente, em breve os republicanos seriam submettidos.

Confirmo, portanto, o depoimento do sr. capitão Sá Cardoso (que hoje vem no seu "Diario„) e attribuo á intervenção opportuna da marinhagem que do rio atacou as forças que estavam no Rocio, bem como á fuga precipitada da guarda municipal ás primeiras granadas, o exito das forças republicanas.

De resto, na Rotunda, ás 5 horas da manhã pouca gente havia, a ponto de uma praça estar a tomar conta em cinco muares e a peça que estava voltada para o largo de Andaluz estar apenas com um artilheiro, valente, diga-se a verdade, e á caixa das granadas um paisano, rapaz ainda, de chapéu de côco e bem vestido, que fornecia "ao collega„ as granadas, munido de uma carabina para defesa pessoal.

Repito, pouca gente, o que mais, a meu ver, encarece a acção.—De v., etc.—Antonio Gonçalves da Costa.

Imbecilidade! Covardia!

O exito das forças republicanas veio da imbecilidade, da covardia. Quando a marinhagem do rio atacou as forças do Rocio, já tinha havido tempo de sobra para suffocar *dez vezes* os revoltosos que estavam na Avenida.

A revolução de Lisboa é muito eloquente. Encerra, para todos os espiritos observadores, licções por *demais instructivas*. Primeiramente, demonstra a nossa velha anarchia. A nossa eterna indisciplina. Anarchia e indisciplina a que ha de succumbir o paiz. Isso necessariamente. A republica não as domina. Aggrava-as. E aggrava-as profundamente.

Anarchia em geral. Indisciplina militar em especial.

A indisciplina que encontrou Schomberg, que encontrou o conde de Lippe, que encontrou Beresford, que encontraram todos os officiaes extrangeiros que vieram organisar e disciplinar o exercito portuguez, e sem os quaes nunca houve, *nem haverá*, n'esta patria, exercito digno de tal nome.

Nem haverá! Cantem todas as glorias que quizerem. Entoem os hymnos que lhes aprouver. A raça portugueza é inteiramente destituida de toda a capacidade organisadora, disciplinadora, dirigente.

Dá muito, mas dirigida. Dirigir-se a si propria não soube, não sabe, e não saberá.

E não saberá!

A indisciplina, pois, que sempre encontraram e que sempre hão de encontrar os officiaes extrangeiros, porque teremos sempre de os ir buscar *quando quizermos um exercito a valer*, e a indisciplina que registei no meu livro sobre a revolta do 31 de Janeiro, escripto ha vinte annos, e em centenares de artigos do *Povo de Aveiro*.

Centenas de vezes eu me referi ao relaxamento profundo, ao desmazelo, á terrivel indisciplina que minavam o exercito. Alguns d'esses artigos foram transcriptos e commentados por Emygdio Navarro nas *Novidades*.

A indisciplina que se manifesta logo que, por qualquer circumstancia, são chamadas as reservas. A indisciplina que se manifesta sempre que se reunem forças numerosas que tenham de seguir para o ultramar. A indisciplina que se manifesta em tudo e por tudo.

Não se manifestou sómente na preparação do movimento revolucionario, ou na propaganda republicana, como se ha de manifestar, desde já, na *propaganda anarchista*. Desde já! Não se manifestou sómente na fraqueza ostentada em face dos revoltosos de Lisboa. Ella manifestou-se, ella manifesta-se, ella manifestar-se-ha, sempre, em tudo.

Em tudo!

Primeiramente, a revolução demonstrou isso. Mas, depois, demonstrou outra coisa não menos eloquente e não menos elucidativa: que continuamos a ser o mesmo *povo d'aventuras*.

Todo o povo d'aventuras é incapaz d'uma séria e solida organisação social. Ora nós somos o mesmo povo d'aventuras. Isto é, um povo de fortes e de fracos. De grandes impetos e de grandes quedas. Confiando sempre no acaso e não procedendo nunca em cima d'um plano intelligente.

N'essa revolução de Lisboa houve homens valentes e houve, — a maioria, — homens de suprema covardia. Mas entre corajosos e covardes o que não houve foi *um unico homem intelligente*.

A intelligencia é um factor posto de parte na evolução portugueza. A intelligencia que concebe. Que traça planos. Que medita. Essa foi e é um factor nullo. Logo, isto é um povo perdido.

Na revolução de Lisboa houve *aventuras*. Audaciosas *aventuras*. Mas nem na guerra nem na paz vence, já, a aventura. Venceu na India, em seculos idos. Venceu na Africa e vence ainda. Mas isso foi na India e é em Africa. De modo algum na lucta e concorrencia com os paizes intelligentes, as raças superiores, os povos cultos.

O contra almirante Candido dos Reis era um audacioso com desprezo da propria vida. Mas vê-se por tudo que, intellectualmente, era um mediocre. E, como elle, todos os outros. Um bando de mediocres!

O almirante Candido dos Reis era, pessoalmente, intrepido. Intrepido era Machado dos Santos. Mas, a par d'isso, quantas e quantas covardias! E, em qualquer caso, sempre a intrepidez do *cão de combate*. O valor moral, a coragem civica, privativa dos homens e dos povos superiores, essa faltou a todos. Porque essa, naturalmente, falta, como o alto valor intellectual, á raça portugueza.

A coragem civica não existe em Portugal. O valor moral falta completamente. Quando outras provas falhassem, e ha muitas, bastaria, para o demonstrar, o espectaculo de dissolução que offereceu o partido republicano no seu periodo de adversidade, e a immundicie que preside ás adhesões em massa a que estamos assistindo.

O substractum moral, na raça portugueza, é desgraçadissimo.

Já o sabiamos. Mas a revolução de Lisboa, e bastaria isso para tirar toda a esperança aos homens intelligentes que porventura ainda aguardassem a salvação da patria da republica, a revolução de Lisboa, que poz em relevo a mais supina imbecilidade e a mais famosa covardia, e que trouxe como consequencia o espectaculo deleterio, immundo, repugnante, em qualquer paiz do mundo nunca visto, das *adhesões em massa*, ainda n'aquelles que pelo mais elementar decôro se deveriam conservar, ao menos, na espectativa, a revolução de Lisboa acabou de o confirmar plenamente.

E desgraçadamente!

Ah!... e desgraçadamente!

Confesse, ao menos, que foi um grande imbecil

O *Seculo*, de domingo, publicou uma entrevista com Teixeira de Souza. E d'ella recortamos estes periodos, em que Teixeira de Souza diz os meios que empregou para deter, ou com que esperava deter, a onda revolucionaria.

Ora vejamos:

> Desarmar a revolução por meio de medidas liberaes e procurar evitar todos os factos que, por assim dizer, servissem de rastilho á explosão revolucionaria, e assegurar-me de que o regimen e o governo podiam contar com a força publica. Todos os actos do governo foram orientados no sentido liberal, sem excepção de um só.
>
> Nem uma só prisão foi feita por motivos de ordem politica; o governo interveio no sentido de cessarem as condemnações por motivos de ordem jornalistica; o governo trancou o castigo applicado ao general Dantas Baracho; o governo amnistiou todos os delictos por abuso de liberdade de imprensa; o governo estava dando execução ás leis que mandavam expulsar as ordens religiosas; o governo, emfim, deu toda a tolerancia á propaganda eleitoral. Houve uma gréve de cêrca de dez mil operarios nas margens do rio Ave, e o governo louvou as auctoridades e a força publica pelo motivo de manterem a ordem sem correr uma gotta de sangue. Fizeram-se umas eleições geraes no paiz, sem que a força publica praticasse a mais insignificante violencia. Poucos dias antes da revolução manifestou-se a gravissima gréve dos operarios corticeiros — e o governo, no elevado e patriotico intuito de não dar pretexto a um movimento que seria o inicio da revolução, transigiu, prohibindo a exportação da cortiça em bruto.

Não foi só isso. O senhor fez mais do que isso. O senhor praticou verdadeiros actos de traição. Mas supponhamos. Se não foi traidor, quem, senão um parvo, imaginava acalmar com esses processos os republicanos?

Quantas vezes lh'o dissemos nós aqui? Ao senhor, como presidente do conselho, e ao rei, como primeiro interessado?

Quantas vezes aqui escrevemos que eram tolos, manifestamente tolos, os que suppunham que os republicanos abandonariam os expedientes revolucionarios em troca de medidas liberaes?

Quantas vezes affirmámos que esse processo, em vez d'acalmar os republicanos, os estimulava, os apressava, já pela idéa de fraqueza que d'elle se poderia deduzir, já para aproveitarem a *folga que lhes davam?*

Imbecil! Não foi traidor? E' difficil imagina-lo parvo a esse ponto. Mas se não foi traidor foi ultra imbecil. De qualquer forma, n'um *paiz de homens* o senhor estaria, para sempre, liquidado.

O senhor confessa que sabia muito bem que se conspirava. Mais: que sabia que se preparava azafamadamente a revolução.

Então o senhor esperava a revolução dia a dia, hora a hora, e confiava ainda em adiar a revolução com as suas medidas liberaes?

E que medidas liberaes! Torpezas, como essa do Borracho que o senhor ainda ousa citar!

Conspirava-se. Trabalhava-se com febre na revolução. Aguardava-se a revolução *a todo o instante*. Aguardava-a elle mesmo. E punha as auctoridades nas mãos dos republicanos! E deixava entrar armamento em Lisboa! E rastejava, servilmente, ignobilmente, deante dos revolucionarios!

Qual foi o homem, qual foi o imbecil, que, no mundo, em qualquer paiz do mundo, esperou deter assim uma revolução?

Se não foi traidor, o senhor já não é só imbecil. Excedeu toda a parveiçada. Foi ultra imbecil.

E atreve-se ainda a dizer que foram os ataques do bloco contra elle e contra o rei que lhes tiraram, aos dois, *a auctoridade e o prestigio!* Foram os ataques do bloco. E a sua miseravel fraqueza, e a vergonhosa condescendencia do rei, encheram de *enthusiasmo* os amigos do throno, se os havia, e de *desanimo* os que procuravam derruir as instituições!

Repetimos o que já dissemos no ultimo domingo: o senhor foi parvo e traidor. E traidor! Mas se não foi traidor, então foi ultra imbecil. Escasseiam na lingua portugueza os adjectivos que definam tamanha parvoiçada.

E era isto presidente de conselho e chefe de partido! E não falta quem ainda o apregoe como... esperança da patria, estrella redemptora, garantia de futuro!

Ah... o bello povo de *heroes!*

Ainda outro!

Segundo nos informam, tambem o padre Benevenuto adheriu!

Que bom cacete!

Ora se estes mariolas não tinham envergadura para o papel d'intransigencia em que se collocaram, porque não se limitaram a ser... ecleticos em favor do governo?

Porque se collocaram em attitude de adversarios ferozes da republica?

Para offerecerem agora ao paiz um terrivel, um funestissimo exemplo de desmoralisação.

E por aqui se vê como ainda na questão religiosa nós tinhamos razão quando affirmavamos que o clericalismo não era um perigo em Portugal, uma classe dominante, absorvente, que merecesse a guerra que os republicanos lhe estavam fazendo.

Tanto clamor, tanta berraria, e, afinal, é isto!

Com o tempo se verá como nós tinhamos razão em tudo. Como só nós estavamos no campo da verdade e do bom senso.

O ANTICLERICALISMO

Lá vamos indo, no bota abaixo. Mas ainda estou sem saber qual foi o collegio jesuitico que ensinou aos *santos varões* republicanos, aos *santos varões* dissidentes, e a todos os mais *santos varões* da escola laica que deram com isto em pantana, a moral que os exorna e que todos nós conhecemos. Isso é que eu queria saber!

Onde apprendeste virtude, meu santo varão Affonso Costa?

Onde apprendeste virtude, meu santo varão Alpoim?

Onde apprendeste virtude, Teixeira de Souza?

Vós todos, Centeno, Ribeira Brava, Cunha e Costa, Margarido, Alexandre Braga, Padua Correia, Santos Cardoso, etc., etc., etc., onde apprendestes vós todos, vós todos da *escola laica*, a santa moral que vos distingue?

Que grande mentira! Como este mundo é, d'alto abaixo, uma pavorosa mentira! Como o homem vive eternamente explorado, enganado, ludibriado, e exaltando sempre os que o enganam, os que o ludibriam, os seus vis exploradores!

Que piedade que me infundes, pobre besta humana! Como eu te lamento!

O patriarcha de Lisboa já escreve cartas a exaltar o caracter do Affonso Costa. O *caracter* do Affonso Costa! O bispo de Beja foge para Hespanha. O padre Mattos e o Benevenuto deitam-se no chão, de pernas para o ar, como os fraldiqueiros, a ganir! Esta é a força do clericalismo em Portugal! Arrancados do coração do povo os ultimos restos de moral religiosa, de moral ordeira que lá existe, e dada a nossa formidavel incultura, isto cahe n'um cahos pavoroso! O povo fica mais pobre do que estava! A nação fica tão arruinada como até aqui! A questão economica persiste insoluvel! A questão social fica em esperança! A questão colonial, á mercê de Deus! No emtanto, ahi anda tudo doido com a guerra ao padre e com as estereis e contraproducentes reformas politicas.

Se eu podesse emigrar para a Lua e de certa altura deixar cahir sobre isto uma enorme bomba de dynamite, uma misericordiosa bomba de dynamite, francamente, emigrava e fazia-me pela primeira vez na minha vida... dynamitista.

BEM APANHADOS!

Le Journal, uma das gazetas de maior circulação, se não a de maior circulação em toda a França, publicou em 14 do corrente uma carta do seu correspondente especial que enviou a Lisboa e na qual se leem estes periodos interessantes:

. . . . . .

La censure républicaine, il faut bien le dire, est impitoyable pour ceux des journalistes étrangers qui essaient de faire autre chose qu'une besogne officieuse et qui voudraient télégraphier leurs observations personnelles au lieu des platitudes solennelles obtenues dans les ministères.

. . . . . .

Hier, comme je m'étais rendu avec trois de mes confrères au couvent des Campolides, la foule, intriguée par nos allures, entoura notre voiture et tout à coup exigea que des cavaliers nous arrêtassent. Quelqu'un avait insinué que nous pourrions bien être quatre audacieux jésuites, qui, arrivés de la province, cherchaient à se faufiler dans les souterrains des Campolides pour grossir les forces de l'ombre et du crime. Il n'en avait pas fallu davantage pour que nous fussions emmenés par des soldats qu'accompagnait une foule menaçante. Tous les gens, civils ou militaires, qui croisaient notre cortège s'y joignaient aussitôt, persuadés que nous étions des scélérats "padres„ qu'on venait de capturer dans les souterrains des Campolides. Un dissentiment s'étant élevé entre la foule et les troupiers quant à l'endroit où il convenait de nous conduire d'abord, l'affaire faillit dégénérer en bagarre. Un sous-officier surexcité dégaina et se mit, tout en roulant des yeux en boules de loto, à exécuter avec son sabre de redoutables moulinets. Enfin, tandis que les gens criaient toujours: "Ce sont des padres!„ nous arrivâmes au quartier de l'artillerie, où l'on nous fit relâcher, et nous nous éloignâmes en pensant que la bêtise humaine est décidément insondable.

Insondable, sim senhor. Cá em Portugal, pelo menos.

Mas isto não transcrevem elles, os maganões dos republicanos!

E vejam lá como elles só consentem que os jornalistas extrangeiros telegraphem.... a nota officiosa que lhes fornece... a *joven democracia*.

Que grandes gajões!

PATINS

De duas a quatro rodas para estrada e pista. Chegou novo sortimento da melhor marca.

CASA SENNA. SALÃO DE JOGOS

Lisboa — 48, R. Nova do Almada, 52 — Lisboa

Considerações

Os quadrilheiros republicanos andam agora muito indignados com a *adhesão espontanea* dos quadrilheiros da monarchia. Mas como queriam elles *dominar*, mas como haviam elles de governar, sem isso?

A farçada ignobil! A impostura vil!

Das duas, uma: ou os quadrilheiros monarchicos adheriam ou a republica estava perdida.

Isso, como tudo, é a condemnação formal, flagrante, fulminante, da *joven democracia*.

A historia, já o dissemos, não se escreve n'um dia. Quando ella se escrever ha de ser impiedosa, inexoravel, com todos estes *benemeritos*, estes *heroes*, estes *patriotas*, estes bandidos, que, a pretexto de salvar a patria, e deslumbrando os parvos com palavrões de rhetorica sediça, outra coisa não fizeram que mergulhar esta terra desgraçada em mais profundo, ainda, mais repugnante banditismo.

Ou os quadrilheiros monarchicos adheriam, ou a republica estava perdida.

Os republicanos fundaram a republica sem terem um partido de homens honestos e convictos. Sem terem um partido que, embora composto na sua grande maioria de charlatães e de bandidos, dispozesse d'uma maioria eleitoral decisiva. Sem que o paiz estivesse tão instruido e educado, que se podesse pronunciar independente dos partidos. Quer dizer, fundaram uma republica que ficaria *fatalmente e exclusivamente* á mercê das quadrilhas. Confiaram, para essa tristissima aventura, *unicamente* no egoismo, no ganancia, no interesse sordido, na ausencia de fé, na falta d'escrupulos, no cynismo das quadrilhas. E ousam agora indignar-se com a adhesão das quadrilhas!

A farçada ignobil! A impostura vil!

As clientelas monarchicas desfaziam-se, sim, com o tempo. Mas com o tempo, e não pela vontade ou o mando imperioso d'este ou d'aquelle dos Messias. Com o tempo, mas nunca antes de quatro, cinco ou seis mezes, para o que bastaria a natural desconfiança na estabilidade da republica em face d'uma opposição monarchica decidida. E como as eleições, necessariamente, se fariam e se farão no praso maximo de seis meses, a republica, sem a adhesão em massa dos quadrilheiros monarchicos, estava perdida. Sem nenhum movimento revolucionario, sem nenhum esforço violento! Os bandidos da monarchia, os quadrilheiros infamissimos, pretendem justificar a sua adhesão indecorosa com um supposto amor á ordem publica. Tarde lhes accordou o amor patriotico, os bandidos! Ora a republica, derrotada na urna, cahiria sem um tiro. Não que os salteadores republicanos tivessem pejo de impôr á força de bayonetas a *joven democracia*. Não que o paiz, prostituido até ao amago, não lh'o consentisse. Mas porque á face da Europa, á face do mundo culto, e sendo certo que é um facto o internacionalismo, não podendo nação nenhuma viver com a hostilidade aberta do cosmopolitismo, a existencia d'um regimen reprovado pela urna, depois d'um movimento revolucionario de caserna, seria impossivel.

Os republicanos contavam, e muito bem, com o egoismo infame dos bandos politicos. As sanguesugas, gulosas, avidas de sangue, não estariam uma hora sem os prazeres infernaes do seu banquete. Quem conhecia o estofo, a contextura moral, o substractum dos miseraveis que, com a monarchia, levaram á ruina e á vergonha este paiz, sabia muito bem que a sua adhesão immediata á republica era certissima. Então, a que vem agora, da parte dos quadrilheiros republicanos, a indignação postiça?

Se não soubessemos já, todos nós, os que assistimos a este espectaculo vergonhoso com alguma sinceridade e algum espirito de verdade e de justiça, o valor moral dos chamados republicanos, seria agora occasião de perguntarmos: o que valem mais os quadrilheiros da republica que os quadrilheiros da monarchia?

A farçada ignobil! A impostura vil!

Depois, as *indignações* republicanas não são para todos os bandos, nem para todos os bandidos. Assim, o bando dissidente foi recebido *com carinho*. Os bandidos Alpoim, Centeno, Ribeira Brava & C.ª transpozeram os humbraes da *redemptora* entre abraços, vivas e fogos d'alegria. O celeberrimo Affonso Costa apresentava ao Theophilo, como heroes, os seus companheiros do *Elevador do Pelourinho*. Como se estes bandidos, bifrontes, traidores, judas, jogando até á ultima com um pau de dois bicos, não fossem mais pulhas que... outros pulhas que adheriram. Com a circumstancia aggravante de que alguns são, mais que os outros adherentes que os redemptores chasqueiam e repellem, pessoalmente... uma chaga pegada e uma verdadeira chaga viva.

Outra vez dizemos: não bastaria isto para que, todos nós, mesmo que, já, de sobejo, não os conhecessemos, perguntassemos: que mais valem os miseraveis quadrilheiros da republica que os miseraveis quadrilheiros da monarchia?

O que nos assombra é que haja *homens* que confiem na redempção por meio da republica! E' espantoso, é assombroso, isso. Ou antes, é mais uma prova da vacuidade, da esterilidade d'esta raça infeliz.

O partido republicano é... aquillo que o *Povo de Aveiro* tem escripto. Pulhas de bem e pulhas sem vergonha, foi o que houve e é o que ha a distinguir n'esse partido. Uns, crapulosos, e outros, sem coragem para investir com os crapulosos, temendo-lhes a baba e o dente, pusillanimes, coactos, indignos, sob a pellicula de verniz com que querem apparentar dignidade, applaudindo e exaltando a crapula por virtude. O melhor que houve e que ha no partido republicano só mereceu e só merece este epitaphio — *pulha de bem* — que é uma verdadeira synthese.

O partido monarchico, esse... nem se discute. O espectaculo da adhesão em massa á republica acabou de dar idéa do valor moral d'esses bandidos.

Pairando acima ou abaixo dos bandos politicos, das quadrilhas, uma nação com 70 °|₀ d'analphabetos, o minimo, e 99,5 °|° d'incultos entre... os cultos. E d'isto tudo é que ha de sahir, redemptora, a *joven democracia*!

Pois não assombra?

Não assombra tanta infantilidade, tanta utopia, tanta insania?

A inanidade da republica é um axioma. Claro como a luz do dia. Brilhante como diamante. Dois e dois são quatro. E o cahos, a anarchia, que, n'um paiz sem caracter, sem intelligencia, inculto, barbaro, sem nenhum elemento social de progresso, sem nenhumas condições de democracia, hão de resultar da republica como já tinham resultado do constitucionalismo, é uma verdade não menos mathematica, frisante, evidente. Podem atroar os ares com palavrões, com hymnos á patria... redimida. E' uma verdade não menos mathematica, frisante, evidente. Só o não vê quem estiver atacado — aliás a grande doença nacional — de diarrhéa de juizo.

Independente do factor de raça, o nosso mal não resultou do regimen. Ou antes, resultou, sim, do regimen, mas *da antecipação do regimen*. Sem povo preparado, era fatal a substituição dos bandos aos partidos. E como bandos, e porque não existe, nem pode existir uma numerosa opinião publica independente, se apressam os grupos monarchicos, formados irregularmente porque o constitucionalismo era uma planta exotica no meio nacional, a adherir á *joven democracia*. Adherem, e a correr, porque viveram sempre, porque só podem viver dos privilegios, favores e graças do poder. E se não adherissem, nem por isso se extinguiam. Formavam-se outras, talvez peores, certamente peores, á custa d'elles.

E' que nem sequer se pode dizer que a democracia sirva para as classes *d'élite*. Porque nem essas teem plano, *convicções formadas*, noções positivas, orientação segura, rumo definido.

O homem que n'este momento descarrega golpes sobre golpes no clericalismo, *ainda ha dois dias*, e por mera especulação, registou o nascimento dos filhos civilmente. Tinha a faculdade e o direito de recorrer ao registo civil. Pois não usava, nem Bernardino Machado, nem João de Menezes, nem Manoel d'Arriaga, *nem quasi todos elles*, do registo civil. Uns, para não incorrerem na pecha de plebeus ou serem mal vistos pela sociedade *de bom tom*. Outros, porque não queriam desgostar a mãe ou a esposa. Tal é o valor das convicções philosophicas d'esses *livres pensadores*, que separam a Egreja do Estado e descarregam golpes successivos sobre um poder clerical tão frouxo e tão timido que até o padre Mattos, submisso, já beija o sapato do papa do *comtismo*.

Fuschini esteve indeciso entre o valor da republica e o valor da monarchia, até ao dia em que subiu a republica e cahiu a monarchia.

Alpoim era monarchico n'um dia, porque julgava a monarchia o melhor regimen para as condições sociaes do seu paiz. Pelo motivo contrario, era no dia seguinte o melhor adepto da *joven democracia*.

Onde está o valor das convicções de estes bandidos?

Que convicções religiosas ou politicas, que coragem civica para as sustentar e defender, que noções, que orientação, que rumo, teem as classes *d'élite* n'este vergonhoso, para mal de nós todos vergonhosissimo paiz?

Nas classes profundas da nação, a mais crassa ignorancia. Pode-se dizer: a maior selvageria. Nas *classes d'élite*, especulação, covardia civica, theorias, utopia, desvairamento, allucinação, *diarrhéa de juizo*. Donde ha de vir a redempção? De quem? D'onde? Da manhã de nevoeiro que havia de trazer o desditoso, morto—ao menos heroicamente, esse—nos campos de Alcacer-Kibir?

Não ha noiva, por maior perversidade que lhe circule no sangue, que não seja honesta e santa o primeiro mez.

Não ha creada, por mais estupida ou desastrada, que não seja boa os tres primeiros dias.

A *redemptora*, nem isso. Já nomeou o Marinha de Campos governador de Cabo Verde. Já nomeou o Santos Cardoso, expulsando, para lhe dar logar, um homem honestissimo, administrador de um dos bairros do Porto. E assim outros. E assim outros. A crapula vingando a crapula! O vicio dando honras ao vicio!

Só se justificaria e só poderia ser de alguma utilidade publica, se, alem de honesta, fosse eminentemente conservadora. Pois é... *eminentemente democratica!*

Eminentemente democratica n'um paiz... onde a democracia não pode viver nem como planta d'estufa!

E' o luxo de deitar abaixo. E' o prurido das reformas. E' a reles imitação, o comico *snobismo*. E' o torpe réclame. E' a vaidade estulta de ligar o nome a reformas. Reformar a esmo! Mas reformar! Sem se lembrarem, os imbecis, de a historia tanto condemna quem não reforma a tempo com quem reforma antes de tempo.

Imbecis! Imbecis! Como a historia escreverá a ferro e fogo, na fronte d'estes *heroes*, uma palavra só: *imbecis!*

A reforma politica,—precisamente a que vem anarchisar, acabar d'anarchisar,—*a esmo*. Entretanto, continuará o privilegio dos cereaes, o monopolio das padarias, o monopolio dos phosphoros, o monopolio dos tabacos, o abuso da companhia das aguas, dos electricos, do gaz, o poder esmagador da burocracia e da plutocracia, o povo pedindo licença para andar, para respirar e para... morrer.

Mas morre contente, coitado, á sombra da bandeira gloriosa... da *joven democracia*.

Que diarrhéa de juizo!

ORDEM PUBLICA

Escrevem-nos a denunciar-nos casos repetidissimos de pequenos actos d'indisciplina nos quarteis, symptomaticos da desordem em que vae cahindo isto tudo.

Tambem nos escrevem sobre o caso da revolta dos estudantes na Universidade de Coimbra.

São casos d'ordem publica, que nos abstemos de discutir para não lançar tudo isto n'uma conflagração d'arripiar os cabellos.

Iremos annotando e na altura precisa commentaremos.

O POVO DE AVEIRO

Por absoluta falta d'espaço não publicamos, hoje, todas as nossas casas de venda.

. . . . . .

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria de C. A. Guimarães, Rua Formosa, 290 A; Antonio Pinto, Praça de D. Pedro, 20; Alfredo Ribeiro da Costa, Rua da Lapa, 15-16.

Cadaval—Antonio Lopes Leal. **Moura**—José Fragoso de Lima Nunes. **Alcochete**—Joaquim Valentim. **Santarem**—Vende-se nas ruas. **Coja** *(Arganil)*—Antonio das Neves Pimenta. **Castello de Vide**—Antonio Lourenço Beliz. **Villa Viçosa**—Luiz Fillippe d'Abreu. **Vianna do Alemtejo**—Joaquim Antonio Carvalho.

Louzã—Adelino P. Erse. **S. Bartholomeu de Messines**—A. Cabrita do Rosario. **Coimbra**—Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz, rua Infante D. Augusto. **Oliveira do Hospital**—José de Mello Alves Brandão. **Gouveia**—Manuel A. Manta, Rua Braamcamp. **Leiria**—Jayme Monteiro. **Portalegre**—João Gervasio Coelho, Largo da Sé. **Vendas Novas**—Joaquim Maria de Andrade (*o Varino*). **Setubal**—Manuel Tavares. **Arronches**—Miguel Maria. **Certã**—Luiz da Silva Dias. **Santo Amaro (Oeiras)**—Francisco Mórem. **Mirandella**—Annibal Cunha.

Bragança—Manuel Benito. **Funchal**—Francisco de Senna Lisboa, Kiosque da Constituição. **S. João da Madeira**—Venda pelas ruas. **Oliveira d'Azemeis**—Venda pelas ruas. **Albergaria-a-Velha**—Venda pelas ruas. **Porto de Móz**—José Henriques. **Alandroal**—Armando Tavares de Moura Palhas, Pharmacia Caeiro. **Alemquer**—João Matheus da Silva Brito, Rua Direita. **Fáfe**—Almeida Guimarães & Alves. **Cabanas**—Julio Requixa. **Ponta Delgada**—**S. Miguel**—Café Tavares. **Guimarães**—Antonio Lopes Martins. **Esmoriz**—Paulino Rodrigues d'Almeida. **Olhão**—Antonio de Souza Gouveia. **Molta do Ribatejo**—Victorino Soeiro.

Povoa de Varzim—Marques & Carneiro. **Ilhavo**—Esta-

belecimento de Bernardo Razoilo. **Mira** — João Simões Marques da Cruz. **Estoy** *(Algarve)* — Fernando Martins Corial. **Ponte do Lima** — João dos Reis Sequeiro.

Nas Caldas da Rainha:
Tabacaria de José da Silva Dias.

BRAZIL

Rio de Janeiro — Livraria Schettino — Travessa do Ouvidor, 18; — Rua 1.º de Março (esquina da rua do Ouvidor) ponto dos Jornaes; Braz Lauria — Rua do Ouvidor, 181; A. Moura — Rua da Quitanda, 114; Gare da Estrada de Ferro Central.

Manaus — Agencia Freitas.

Santos — José de Paiva Magalhães, rua de Santo Antonio, 84, 86.

Pará — Agencia Martins, T. Campos Salles, 15.

"Cosmopolia,,

Revista mensal illustrada de litteratura internacional.

Redactor em chefe:

HOMEM CHRISTO, FILHO

Escriptorios da Redacção e Administração, da secção editora em todas as linguas, da organisação de traducções, salões de exposição e conferencias, gabinete de leitura contendo alguns milhares de volumes das litteraturas italiana, hespanhola, brazileira, portugueza, ingleza, turca, persa, allemã, hollandeza, japoneza, russa e revistas e jornaes de todo o mundo.

Faubourg Poissonière, III — Paris

Com o concurso e collaboração effectiva dos mais eminentes escriptores e artistas da Europa e America, começará a publicar-se proximamente, a revista **Cosmopolia,** que tem por fim tornar conhecidas e apreciadas em França as litteraturas extrangeiras, para o que consagrará cada numero a um determinado paiz do mundo, contribuindo tambem para o desenvolvimento da moderna litteratura franceza, facultando as suas columnas a todos aquelles que, ainda novos e ignorados do grande publico, se imponham, no emtanto, por um verdadeiro e solido talento litterario.

O 1.º numero de **Cosmopolia** será, pois, publicado muito brevemente, logo que o sr. Homem Christo, Filho, que está no Brazil, d'onde seguirá para a Argentina, Chili, Uruguay e Paraguay, a fazer a propaganda da nova revista, regresse a Paris. Dadas as proporções colossaes que teem attingido os pedidos do 1.º numero, enviados de toda a parte, a Administração de **Cosmopolia** vê-se forçada, para regular a tiragem, a inscrever desde já os nomes d'aquelles que desejarem obtel-a.

Locaes de inscripção:

Em Paris: Faubourg Poissonière, 111.
Em Portugal: *Lisboa*—Tabacaria Monaco, Praça de D. Pedro.
Porto—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro.
Coimbra—Livraria F. França & Armenio Azevedo.
Aveiro—Redacção do *Povo de Aveiro.*

ASSIGNATURAS

França: Anno—Serie de 12 numeros, 24 francos. Semestre, serie de 6 numeros, 12,50 francos.
Extrangeiro: Anno — Serie de 12 numeros, 25 francos. Semestre, serie de 6 numeros, 13 francos.

Aguas CASTELLO DE MOURA

Explendidas e incomparaveis aguas de meza, com optimos resultados nas doenças da bexiga, rins, estomago, etc.

Deposito no norte do paiz:

26, Rua Mousinho da Silveira, 28
PORTO

HOTEL UNIVERSAL

Proprietarios:
RAMIRES & C.ª

— Praça da Batalha — PORTO —

Hotel de primeira ordem installado no melhor sitio da cidade, com explendida sala de jantar, installações electricas, caixa de correio e explendidas casas de banho.

Preços diarios, a começar em 1$200 réis

AGUA DA CURÍA

Semelhante á de Contrexéville

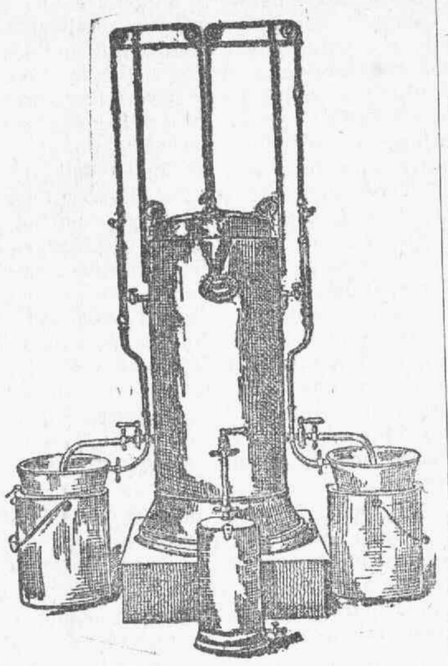
Estimula a acção dos rins que são os filtros do corpo humano.

Experimentae a
AGUA DA CURÍA

Representante e depositario em Lisboa:
Humberto Bottino
Praça dos Restauradores, 31-H
TELEPHONE: 3035

A. Anselmo & C.ª

20, LARGO DE S. DOMINGOS, 20
LISBOA



Canalisações para agua, gaz e acetylene, Gazometros para acetylene em chapa de ferro chumbada, com um e dois geradores, os mais praticos, solidos e economicos

Absoluta segurança e simplicidade no funccionamento. O mais perfeito purificador até hoje conhecido. Accumulador interior. Carboneto dividido em secções. Gazometros para bordo. Montagens garantidas e economicas.

Pedir preços e condições a

A. ANSELMO & C.ª

LARGO DE S. DOMINGOS, 20
LISBOA

Tinta de copiar a secco

Sem molhar o papel e conservando os copiadores como novos. Economia de tempo e trabalho. Excellente resultado na pratica. Ultima novidade. Descontos aos revendedores.

Deposito geral:

Rua de S. Paulo, 9, 1.º — LISBOA
TELEPHONE: 2378
Rua de Santa Catharina, 32, 1.º — PORTO

RECOMMENDA-SE O
PAPEL PARA CIGARROS
ESTRELLA
ALCATRÃO ESPECIAL

A VENDA EM TODA A PARTE
CADA LIVRO 10 RS

J. WIMMER & C.º
LISBOA

O antigo 606
Tisana depurativo ASSIS

Segundo o processo de Faro

Todo o Portugal, Africa e Brazil, ha 40 annos, conhecem os effeitos garantidos contra a syphilis, d'esta maravilhosa preparação.

Deposito geral
ASSIS & COMMANDITA
Rua dos Douradores, 32, 1.º — LISBOA

No Porto:
SANTOS & SANTOS — Rua das Flôres, 36

FRASCO	6 FRASCOS
1$000 réis	5$400 réis

Artigos graphicos

Os melhores, os mais baratos, os mais resistentes, são os da casa PEDRO, MIRANDA & C.ª SUC.res. Representante da Casa **J. G. Schelter e Guiescke** incontestavelmente a melhor fundição do mundo!

Material branco, **estrangeiro,** sempre em deposito, ao preço do nacional.

Pede-se a todos os srs. industriaes que não fechem as suas transacções sem consultarem os nossos preços.

Pedidos a

PEDRO, MIRANDA & C.ª Suc.res
Rua da Picaria, 59—PORTO
Telegrammas «ADNARIM» **Porto.**

Empreza Cinematographica IDEAL

Manufactura Portugueza de Pellicula

Salão e Escriptorio
Rua do Loreto, 15 e 17
LISBOA

Atelier de pose e officinas
Cerca do Colleginho, 7
LISBOA

Endereço telegraphico: IDEALÃO

SUCCURSAES: No Porto, Paris, Berlim, Londres, Vienna d'Austria, Madrid, e em todos os Estados do Brazil.

Fornecimentos completos para animatographos, aluguer e venda de fitas completamente novas em Portugal. Projecções com luz electrica ou luz artificial em theatros, qualquer casa, ou de espectaculos, clubs, escolas e casas particulares, para o que tem pessoal habilitado.

Contractos especiaes para a Africa e Brazil

A Empreza Cinematographica Ideal é a unica que, devido ás suas bellas installações de POSE, pode apresentar assumptos genuinamente portuguezes, desempenhados pelos nossos principaes artistas e quadros panoramicos representando os melhores pontos e os mais bellos costumes de Portugal.

Mediante contracto especial a Empreza tambem se encarrega da tiragem de qualquer fita de reclamo a estabelecimentos, fabricas, officinas, etc.

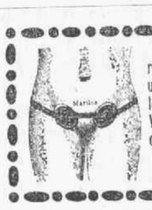
FARINHA LACTEA NESTLÉ
Alimento completo para crianças e pessoas edosas.

AGENCIAS DE ANNUNCIOS
— DO —
POVO DE AVEIRO

Lisboa
L. de S. Domingos 20
JUNTO Á CALÇADA DO GARCIA

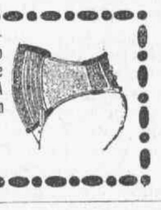
Porto
P. de D. Pedro, 9 e 10
TABACARIA TEIXEIRA

Bebam as Aguas Medicinaes DO CASTELLO DE MOURA



Os que soffram de HERNIAS (QUEBRADURAS) e as senhoras que tambem soffram de dilatação do ventre, descida e queda do utero, rim movel, eventrações, obesidade, etc., não devem deixar de ler o folheto illustrado, com mais de 80 gravuras, A HERNIA E A VERDADE SOBRE A SUA CONTENÇÃO, que se envia **GRATIS** a quem o requisitar ao orthopedico M. MARTINS.

170, RUA DA MAGDALENA, 172
Em frente da Rua de Santa Justa — LISBOA



Polpa Melaçada

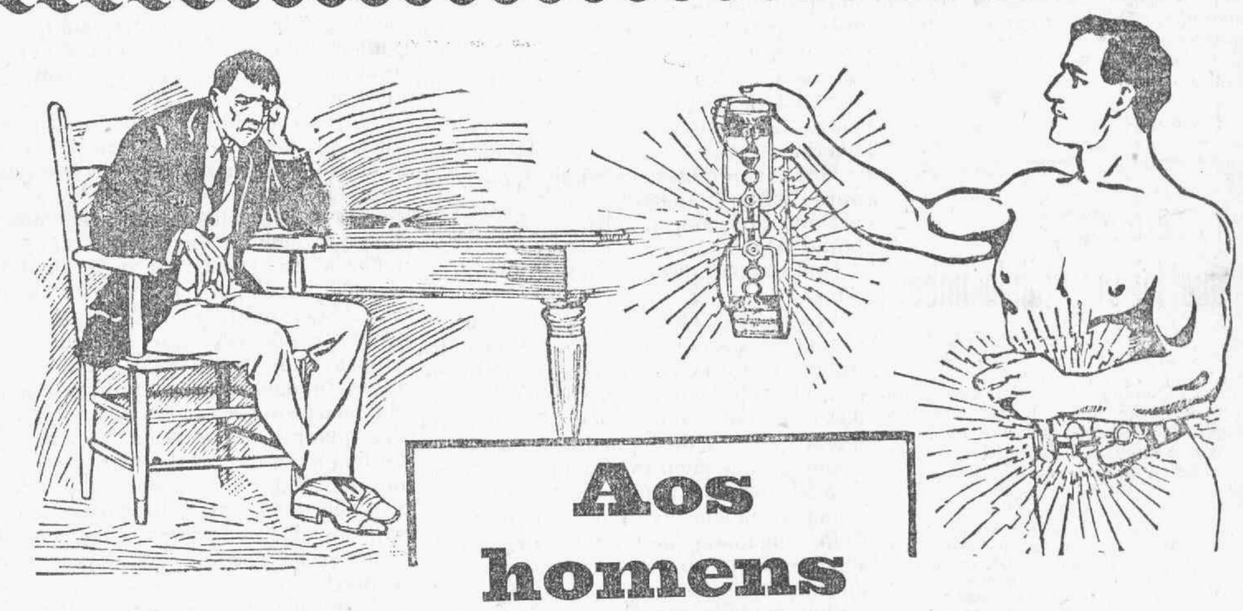
E' hoje o alimento, por excellencia, preconisado para alimento dos cavallos, vaccas, porcos, ovelhas, etc., etc.

Unico importador para Portugal, Colonias e Brazil

Antonio Rosado Caeiro = Rua Augusta 240, 1.º - LISBOA

Vendas por grosso e retalho:
Rua do Amparo, 1 — Rua Nova do Almada, 98
Calçada do Marquez de Abrantes, 64

ACCEITAM-SE AGENTES EM TODAS AS TERRAS DE PROVINCIA



Aos homens envelhecidos antes de tempo

Os homens enfraquecidos e desanimados encontrarão aqui a força da juventude.
A todo o mundo offerecemos um livro de 86 paginas, magnificamente illustrado, representando o corpo humano, no qual descrevemos a maneira de applicar a electricidade e a fórma de cada qual se curar a si proprio e em sua casa.
Os homens enfraquecidos por excessos, ou pela edade, encontrarão aqui a maneira de readquirirem a saude e o vigor.
A's mulheres gastas pela doença ensinamos o meio de se tratarem e de recobrarem a alegria de viver.
No nosso livro verão como se curam as seguintes doenças:

Neurasthenia, impotencia e falta de vigor, epilepsia, hysterismo, paralysia, rheumatismo, e arthritismo, soffrimentos do estomago, figado e rins, albuminuria e toda a classe de dôres e debilidades.

Leiam esta prova decisiva

Nervosismo com insomnias e arthritismo com rheumatismo ha 10 annos, completamente curados

Snr. Dr. McLaughlin:

Respondendo ao seu favor de 6 do corrente, tenho o maximo prazer de o informar de que, quando recorri ao seu **VIGORISADOR,** estava já farto de soffrer e de gastar dinheiro sem resultado, e os meus soffrimentos augmentavam consideravelmente, chegando mesmo a aborrecer a vida. Quando principiei a fazer uso do **VIGORISADOR** tinha 60 dias de cama com um ataque de rheumatismo, e fazendo uso d'elle fiquei completamente restabelecido, gosando presentemente perfeita saude.

Claro está que aos meus amigos tenho recommendado o seu apparelho, e alguns o teem comprado, obtendo resultado.—De V. etc.—(a) *Manuel Domingos.* (Com fabrica de Moagens e Serração de Pedra a Vapor em Alvito).

A todos o vigor e a saude

Affirmamos que o nosso **VIGORISADOR** cura muitos casos que nenhum outro tratamento póde curar. Isto não é uma affirmação vã, porque os nossos doentes são o nosso melhor annuncio.

Quando o organismo está cançado e não póde desempenhar as suas funcções, o estomago não digere e os rins não expulsam do organismo as materias venenosas que produzem as dôres rheumaticas, quando os nervos estão enfraquecidos e tornam a vida desgraçada, e quando o vigor tem descahido, o verdadeiro remedio, o remedio racional que restitue ao corpo o vigor e a energia é a electricidade convenientemente applicada.

O **VIGORISADOR ELECTRICO** fornece a electricidade ás differentes partes do corpo, de tal fórma, que o systema tem tempo de ser favoravelmente influenciado pela corrente, e é n'isto que consiste o segredo do nosso successo.

——Consultas gratis e um livro explicativo gratis a todos——

O nosso consultorio está aberto ao publico para consultas gratis, usando os nossos medicos sempre de toda a franqueza. A todos damos um folheto illustrado gratis. Quem não puder fazer uma visita e quem viva fóra de Lisboa, preencha o **coupon** abaixo e receberá na volta do correio o nosso livro gratis e um impresso para consulta.

Dr. M. E. McLaughlin

Rua Augusta, 188, 2.º—LISBOA

Horas: 9 m. ás 7 n.

E **Coupon**
Vale um livro e consulta gratis
Nome .....
Rua .....
Terra .....
Cortem e mandem este coupon